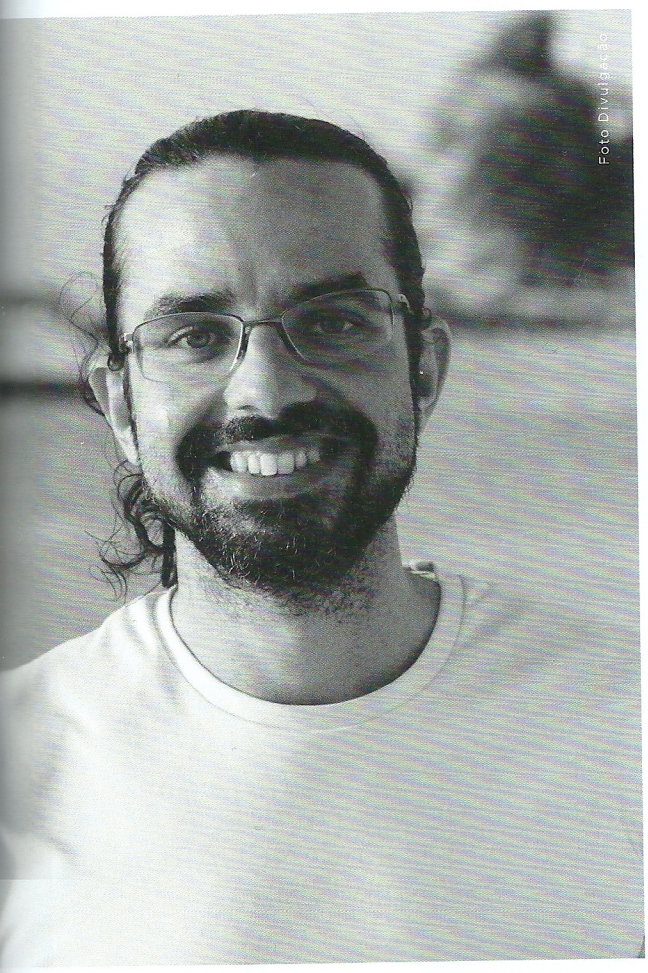
MERGULHO NA CIÊNCIA CIDADÃ

TEXTO FERNANDO BEAGÁ

AO ESTUDAR O EFEITO DO AQUECIMENTO EM CORAIS COM A AJUDA DE MERGULHADORES AMADORES, GUILHERME LONGO REPRESENTA UM NOVO CAMINHO PARA A PESQUISA CIENTÍFICA



O escritório dele é na praia: "Mergulhar é como ser um avatar: você se conecta a outro mundo, depois volta à realidade"

Já se tornou um clichê dizer que a comunidade acadêmica precisa se aproximar da sociedade. É justo também constatar que há diversas iniciativas por esse encontro. Muitas delas configuram a ciência cidadã, um movimento que estimula pessoas a cooperar voluntária e formalmente com os projetos de pesquisa que devolvem resultados práticos à realidade delas. Há um projeto em Londres, por exemplo, que fornece ferramentas para uma fatia da população medir a qualidade do ar; e um aplicativo espanhol que permite alertar sobre regiões em que espécies de aves estão sob ameaça. No Brasil, o biólogo Guilherme Longo, professor do departamento de oceanografia e limnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tem a missão de monitorar os corais brasileiros, que têm sofrido os efeitos do aquecimento global.

Além da ameaça à natureza, o enfraquecimento ou a morte dos corais tem impacto econômico: pode resultar na fuga de espécies de peixes, na escassez das esponjas-do-mar (usadas na indústria farmacêutica) e na retração do turismo de mergulho.

Apoiado pelo Instituto Serrapilheira (iniciativa privada de fomento científico), o pesquisador coordena um trabalho que recebe dados coletados por uma rede de colaboradores, sobretudo mergulhadores recreativos, que recebem um protocolo sobre como registrar fotos e contar espécies (o rigor científico é garantido por uma curadoria). O êxito da metodologia foi publicado ano passado na revista científica "Perspectives in Ecology and Evolution".

Outra aproximação se dá pelo Instagram. Os quase dez mil seguidores são convidados a enviar informações e dúvidas via hashtag #DeOlhoNosCorais (o nome do projeto e do perfil). "Nosso feed tem uma periodicidade de conteúdo científico e interagimos com todas as mensagens que chegam. Dessa forma, furamos uma bolha. Há quem se espante por falar diretamente com um cientista." Graças ao apoio do Serrapilheira, com um orçamento de R$ 1,1 milhão nas duas primeiras fases do projeto, o professor conseguiu investir na produção científica dele e dos 18 pesquisadores que atuam no laboratório de ecologia marinha da UFRN, que tem vista para a Praia de Areia Preta, na zona leste de Natal.

De olho no futuro, o que o biólogo deseja é que a ciência seja escutada e que baseie políticas públicas em diferentes esferas. "É para isso que trabalhamos e produzimos ciência de alta qualidade: para aproximá-la do cotidiano das pessoas. E para refletir em outro ponto: que pesquisadores tenham escolha, tenham trabalho, e não caiam num abismo após anos de formação. É sonhador da minha parte, mas trabalho todos os dias para isso acontecer." GQ